

## ORIGEM DOS NUMERAIS NO INDO-EUROPEU

R. F. Mansur Guérios  
Universidade Federal do Paraná

As presentes linhas não têm finalidade outra senão a do título (aliás proto-indo-europeu), e em várias línguas dessa família.

O computar é coevo dos primórdios da humanidade, e não se pode compreender a inexistência dos numerais em qualquer povo; eles sempre existiram e existem, embora variem os sistemas de acordo com a sua cultura. Os mais adiantados são o quinário, o decimal e o vigesimal, e, ao contrário, os mais atrasados são o binário e o ternário. Contudo há outros sistemas. E há povos que dizem "muitos" após "dois".

Importância especial é atribuída à numeração na Lingüística; ela é um dos meios ou recursos para prova de parentesco lingüístico, principalmente e geralmente os números que não ultrapassam o "cinco", porquanto os números acima dele, que são de cultura superior, facilmente podem ser empréstimos a outras línguas.

A prova de parentesco pelos numerais foi reconhecida, desde muito, pelos comparatistas. Antes de Franz Bopp ter publicado o *UEBER DAS CONJUGATIONSSYSTEM DER SANSKRITSPRACHE IN VERGLEICHUNG MIT JENEM DER GRIECHISCHEN, PERSISCHEN UND GERMANISCHEN SPRACHE*, em 1816, já Friedrich von Schlegel, em 1808, admitia os nomes dos números como uma das "partes mais essenciais da língua"<sup>1</sup>.

Alfredo Trombetti, cujos trabalhos têm em mira a monogênese lingüística, afirmou que, diferentemente dos pronomes pessoais, que "em regra concordam admiravelmente entre si não só em línguas pertencentes à mesma família, porém ainda em línguas mui remotamente

<sup>1</sup>SCHLEGEL, F., *Essai sur la langue et la philosophie des indiens*, Paris, Parent-Desbarres, 1837, p. 82.

afins, . . . , os numerais freqüentemente aparecem bem diversos já nos subramos de uma mesma família muito homogênea". "A razão, continua o A., é que os numerais, sendo menos necessários que os pronomes pessoais e possessivos, são geralmente menos antigos que estes, e formaram-se depois de a língua primordial se desfazer em várias famílias profundamente distintas entre si. Donde se segue que o acordo dos numerais atesta um particular e estreito parentesco derivante da unidade relativamente não remota, e, em consequente, o seu exame comparativo pode auxiliar de modo intenso para estabelecer os vários graus e ordens de agrupamentos lingüísticos"<sup>2</sup>.

## 1. ORIGEM DOS NUMERAIS.

A origem dos numerais, principalmente dos primeiros, vai-se buscar nos demonstrativos, pois, ao enumerar qualquer coisa, o homem o fazia mediante gesticulação, em primeiro lugar com o dedo indicador, e, conseqüentemente, a manifestação oral só podia ser acompanhada de vozes demonstrativas. Todavia, como os demonstrativos são muitíssimos e variadíssimos, nem sempre os numerais concordam com o que são considerados verdadeiramente demonstrativos. Em segundo lugar, fazia-se a conta mediante os dedos da mão ou das mãos, e assim podia ser mediante os de um pé ou dos pés do falante. A propósito do indo-europeu, diz Karl Brugmann: "Nosso sistema numérico provém de contagem feita pelos dedos das mãos e dos pés"<sup>3</sup>.

Entre os índios chamacocos, do Chaco, margem ocidental do Rio Paraguai, diz Herbert Baldus, a numeração é proferida acompanhada dos dedos: "um" é o polegar; "dois" o polegar e o indicador; "três" o polegar, o indicador e o médio; "quatro" o polegar, o indicador, o médio e o anular; "cinco" os dedos da mão, e "dez" os dez dedos<sup>4</sup>. Os mundurucus (Rio Tapajós), com a mão estendida, exprimem, simultaneamente com o nome, o número "cinco". De "seis" até "nove" a manifestação, também simultânea, é acompanhada pela mostra dos dedos; com a mão estendida expressam o "dez", e com todos os dedos da mão e dos pés querem dizer "vinte"<sup>5</sup>.

Não é, pois, de estranhar que o conceito de "um" é expresso, geralmente, por "este", demonstrativo, ou acompanhado de advérbio

<sup>2</sup>TROMBETTI, A., *Saggi di glottologia generale comparata* — II — I numerali, Bolonha, Gamberini e Parmegiani, 1909, p. 3.

<sup>3</sup>BRUGMANN, K., *Abrégé de grammaire comparée des langues indo-européennes*, trad., Paris, Klincksieck, 1905, p. 382.

<sup>4</sup>BALDUS, H., "Os índios chamacocos" in *Revista do Museu Paulista*, XV, 2ª. parte, S. Paulo, 1927.

<sup>5</sup>STROEMER, C., *Die Sprache der Munduruku*, Modling bei Wien, "Anthropos", 1932, p. 112.

de lugar, "este aqui", cuja posição pode ser outra: "aqui este".

O conceito de "dois" pode ser manifestado por "este (e) este", "este (e) aquele", ou por um demonstrativo seguido de sinônimo ou por vocábulos que exprimem "par", "casal", "gêmeo", "ambos", "outro".

"Três" exprime-se por "este, esse (e) aquele", "(este, esse) aquele lá"; "um (mais) dois", "dois (mais) um", etc.

"Quatro": "um (mais) três", "três (mais) um", "dois (mais) dois", etc.

"Cinco" geralmente quer dizer "mão", i. é, " (os dedos da) mão".

"Seis" pode ser "três (mais) três", "cinco (mais) um", "um (mais) cinco", etc.

"Sete" pode significar "dois (mais) cinco", "cinco (mais dois)", etc., e assim por diante.

Em vez de "mais" pode ser uma conjunção equivalente a "e", e, em ambos os casos, clara ou subentendidamente. E é possível verificar-se "menos" (p. ex., "quatro" pode ser "cinco (menos) um". Pode haver multiplicação, p. ex., "duas (vezes) três" ou vice-versa, i. é, "seis" (cf. o fr. *quatre-vingts*, "quatro (vezes) vinte", i. é, "oitenta").

## 2. UM: \*OI-NO-S, \*OI-KO-S, \*OI-WO-S.

O proto-indo-europeu possuía mais de um termo para a unidade, entre os quais \*OI-NO-S, \*OI-KO-S, \*OI-WO-S, todos constituídos de um mesmo elemento inicial, que é \*OI, e com o mesmo significado de "este aqui". O -S nada mais é que o índice do nominativo dos nomes, ou talvez explicável pela analogia.

De \*OI-NO-S<sup>6</sup> deriva o latim arcaico OINOS, OENOS e daqui \*ŪENUS > \*ŪUNUS > UNUS (port. UM); );o grego OĪNOS, "um" (o ás no jogo dos dados); o gaulês OINO- (em composição); o eslavo antigo INO- (em compostos. e provavelmente com a perda da vogal inicial); o irlandês ant. OEN; o galês UN (pronúncia: ün); o bretão UNAN. Sem o componente NO parece que é o gr. OĪ-O-S, "só, único", e com as vogais iniciais invertidas ÍO-S, "um só".

De \*OI-KO-S dimanam apenas o sânscrito ÉKAS e o curdo EIK, YAK, "um". Ao lado daquela forma houve \*AI-KWO-S que explica o lat. arc. AIQUOS, AEQUOS, AECUS e daqui AEQUUS, "unido; igual" (donde o port. ÉQUO, "eqüitativo"), AEQUALIS, "igual", e o gr. AIKO-.

De \*OI-WO-S deriva o gr. homérico OI(W)OS, "só, sozinho", gr. cipriota ÓIVO -, "só". E ao lado daquele houve a forma \*O-WO-S,

<sup>6</sup>"L'idée de "un" s'est produite par celle de "celui-ci précisément, rien que celui-ci" (BRUGMANN, o. c., p. 383).

documentado no eslavo ant. OVU. . . , OVU. . . , “um . . . , outro. . .”

Passemos agora à análise. Já foi dito que os numerais têm origem nos demonstrativos<sup>7</sup>, porém \*OI - é a seqüência ou união de dois deles, sinônimos<sup>8</sup>, mas também existiu \*AI - , conforme o gótico AINS, prusiano ant. AINA, e no citado \*AI-KWO-S. Com os elementos invertidos temos o gr. ÍA (homérico, lésbico e tessálio), “um”.

Quanto ao \*O, que significa “este, ele”, acha-se, p. ex., no composto lat. E-O (ablativo de I-S) e é o mesmo E-O advérbio, “aí, lá”.

O componente \*I tem a mesma origem que o demonstrativo avéstico I, I-M, sânscr. I-M, lat. I-S, I-D, e em outros idiomas da família indo-européia<sup>9</sup>.

O elemento \*A verifica-se em E-A (nominativo de IS) e é o mesmo E-A advérbio, “por esse (lugar); ali”.

Do exposto se conclui que \*O, \*A, \*I são sinônimos para ênfase, pré-históricos, e todos demonstrativos. Contudo, a eles se juntaram outros, também sinônimos, certamente porque os compostos \*OI, \*AI, \*IA, \*IO tiveram a ênfase esmaecida. Os elementos que a eles se pospu- seram, não em todos, - \*NO - <sup>10</sup>, - \*KO - , - \*WO - , são também, real- mente, demonstrativos e cognatos destes: 1o.) sânscr. ENA, “ele”, ANĀ - , “este, ele”, esl. ant. ONU, “aquele”, lituano ANĀ - , “aquele, ele”, nórdico -ENN, em função de “artigo”, alto-alemão ant. ENE-R, “aquele”, gr. ENĒ, “o 3o. dia” (na origem: “aquele dia”), armênio AYN, “aquele”, -N, em função de artigo; 2o.) gr. KEĪ-SE, “acolá”, E-KEĪ, “ali”, E-KEĪ-NO-S, “aquele”, osco EKO, “isto”, lat. CE-, “aqui” (em CEDO, verbo), CI-S, “cá, aquém”<sup>11</sup>, alto-alem. ant. HE, “ele” (de- rivado de \*KE); 3o.) sânscr. EVĀ-, “assim, exatamente”, zende AEVA-, “aquele”, polonês ÓW, “aquele”, OWO, “aquilo”, persa ant. AIVA - , “aquele”.

### 3. UM: \*E-DI-NO-

Outro vocábulo proto-indo-europeu que expressa “um” é \*E-DI-

<sup>7</sup> \*OINO-, diz BRUGMANN, “est identique à skr. enclit. ENA, “lui”, \*OIWO à skr. EVĀ, EVĀ-M, “ainsi, précisément, seulement. . .” (p. 383).

<sup>8</sup> “. . . OI é a base, reforçada depois com a junção de outros demonstrativos” (ASSIREL- LI, O., *La dottrina monogenistica di Alfredo Trombetti*, Bolonha, Fondazione Trombetti, 1962, p. 77). Esta era também a opinião de BRUGMANN, mas que abandonou “sem plausível motivo” (ASSIRELLI, p. 77). No *Abrégé*, BRUGMANN, contudo, fala do “tema pronominal \*O- que está na base dessas formas” (p. 383). Tema pronominal é o mesmo que tema demons- trativo já que os pronomes derivam do ou são verdadeiros demonstrativos. “Sem dúvida, diz TROMBETTI, OI-, AI- resultam de composição (I numerali, p. 147).

<sup>9</sup> “La racine primitive était I, la même sans doute qui se retrouve dans le démonstratif lat. I-S, I-D. Sa valeur numérale apparaît dans l’homérique Í-A (une).” (HENRY, V., *Précis de grammaire comparée de l’anglais et de l’allemand*, 2. éd, Paris, Hachette, 1906, p. 218).

<sup>10</sup> BRUGMANN, K. o. c., p. 653.

<sup>11</sup> BRUGMANN, o. c., p. 423, nos. 4 e 5. MEILLET, A., *Introduction à l’étude compara- tive des langues indo-européennes*, 9<sup>a</sup>, ed., Paris, 1953, p. 287.

NO-, com o mesmo valor dos anteriores: "este aqui". Dele derivam o esl. ant. JEDINU, "um", pol. JEDEN, "um", ucraino ODÉN, "um". Com outro elemento final temos o al. JEDE-R, "cada um", o inglês EITHE-R, "um ou outro". Talvez lhe seja cognato o gótico da Criméia ITA, "um"<sup>12</sup>. A semiconsoante J - deve talvez provir da diferenciação do E-alongado: \*EED- > \*IED-.

Em \*E-DI- a primeira vogal é o demonstrativo \*E<sup>13</sup>, que se vê no gr. E-KEÎ, etc., no osco E-KO, no sânscr. E-NA-, "ele"; E-VÂ-, "assim", etc.

O segundo componente de \*E-DI-NO-, isto é, -DI-, documenta-se no indo-europeu pelo lat. I-DE-M, "o mesmo", sânscr. DI-M, "ele", prussiano ant. DI-N, DIE-N, "ele". O I- dos exemplos acima é o mesmo I já tratado, e o terceiro componente, -NO-, é o que se depara em \*OI-NO-. E conclui-se daí que também são três os sinônimos dessa base numeral.

O sânscr. EKA- pode vir de \*OI-KO- através de \*OE-KO-, \*EE-KO-, como pode ter a vogal inicial \*E, demonstrativo.

Para Brugmann, o esl. ant. JEDINU, "um", é "alargamento do advérbio \*E-DHI mediante NO"<sup>14</sup>.

#### 4. UM: \*WE-N-.

O conceito de "um" é expresso ainda por \*WE-N- (talvez alternante de \*WO-), que é documentado apenas no letão VIENS e no lituano VIENAS, todos originariamente demonstrativos e explicáveis pelo letão VIN-SH, "aquele, ele", e pelo ucraino VIN, "ele"<sup>15</sup>.

A inicial W, que, segundo Meillet, indica objeto afastado, é característica de línguas indo-européias orientais<sup>16</sup>. Também finalizam assim estes demonstrativos: sânscr. ASÁU, zende HAU e persa ant. HAU<sup>17</sup>.

O -N- de \*WE-N- é o mesmo elemento que se depara em \*OI-NO-.

#### 5. UM: \*SE-M-.

E, por fim, o proto-indo-europeu tinha também, como nome da unidade, SE-M-, \*S-MI- (fem.). Apesar de admitirem que o significado

<sup>12</sup>JANTZEN, H., *Gotische Sprachdenkmäler*, Berlin e Lipsia, W. de Gruyter, 1920, p. 119.

<sup>13</sup>BRUGMANN, o. c., p. 630.

<sup>14</sup>o. c., p. 383.

<sup>15</sup>O V- do báltico, "permanecido até agora inexplicável", é, "no entretanto, um elemento demonstrativo" (ASSIRELLI, o. c., p. 78), e o mesmo W- dos demais idiomas.

<sup>16</sup>MEILLET, o. c., p. 327.

<sup>17</sup>MEILLET, o. c., p. 327.

primitivo fosse "um com outro, juntos"<sup>18</sup>, na realidade o seu sentido era "um", documentado pelo tocário B SEME, "um", armênio ME, ME-K, MI, MU (derivados de \*SE-M-, \*S-MI-), "um", gr. MĪA, "uma" HĒN, "um" (derivado de \*SEN- e este de \*SE-M-), HEI-S, "um" (provavelmente derivado de \*SEE-M-), gr. de Gortínia HĒN-S, "um".

Com um sufixo -L temos no lat. SEMEL, "uma vez", SIMUL, "ao mesmo tempo, SIMILIS, "semelhante", gót. SIMLE, "em um tempo", gr. HOMALÓS, "igual, uniforme".

De uma forma \*SA-M-, "algum", decorre o gr. HĀMA, "juntamente; ao mesmo tempo", o gót. SAMA "o mesmo", o ingl. SAME, alto-al. ant. SAM, sânscr. SAMA, "igual, semelhante", esl. ant. SAMU, "mesmo". russo SAM. "mesmo".<sup>19</sup>

Em vista do gr. HOMÓS, "igualmente", e HÓMOIOS, "igual, uniforme", é forçoso admitir uma base \*SO-M (junte-se o citado HOMALÓS), a que se prende ainda o gr. MÓNOS, "só, único", que Trombetti dá como ascendente \*S-MONW-S ou \*SO-MO-, "ele (mesmo)"<sup>20</sup>. Conexo com este é o segundo componente de COM-MUNI-S (port. COMUM), anteriormente COM-MOINI-S, e ainda o gót. GA-MAIN, "comum"; não sagrado, profano", e do al. GE-MEIN<sup>21</sup>.

\*SA-M- com um sufixo -N: sânscr. SAMANA, "igual", gót. SAMANA, "juntamente". Com um sufixo -T: al. SAMT, "com, juntamente com", lat. SĪMITU, "ao mesmo tempo".

Ainda de \*SE-M- vem o composto lat. SEMPER, literalmente "por (PER) um (SEM-)", i. é, "por um tempo indefinido; uma vez para sempre" (port. SEMPRE).

De uma base \*SI-M- decorrem o lat. SIMPLEX e SIMPLUS, "simples", e o distributivo lat. SINGULI, "um a um", que, conforme Brugmann, estaria por :SIM-KO-L, como diminutivo mediante os morfemas sinônimos -K- e -L-<sup>22</sup>. É cognato SINGULARIS (port. SINGULAR).

Mas do proto-indo-eur. \*SEMI- teve-se o sentido de "unilateral", passando em seguida a valer "metade, meio", de que se origina o lat. SEMI-, o gr. HEMI-, o alto-al. ant. SAMI-, o sânscr. SAMI-, todos como elementos de composição, e o mesmo significado.

Sem a nasal -M- documenta-se com o tociano A SAS. "um", sânscr. SA-KRT, "uma vez", gr. HĀ-PAKS, "uma vez, de uma vez".<sup>23</sup> É plausí-

<sup>18</sup> BRUGMANN, o c., p. 383.

<sup>19</sup> Sobre a noção de "o mesmo" = "a unidade" = "só", v. *Bulletin de la Société Linguistique de Paris*, t. 50, fasc. 1, Paris, 1954, p. XV.

<sup>20</sup> Afinidade com \*MONO- tem-se, fora do indo-europeu, p. ex., em macuxi (carabíco) E-MAINO-N, "primeiro", e MONI, "aqui"; mon-quemer (Camboja MUY, "um", línguas bantus MUE, MO-, "um"; línguas melanesianas MONI, "um".

<sup>21</sup> FRIEDMANN, S., *Lingua gotica*, Milão, Hoepli, 1896, p. 188-189.

<sup>22</sup> BRUGMANN, o. c., p. 393.

<sup>23</sup> Em todos os exemplos, com exclusão do lat. AS, a vogal -A- provém de -E-.

vel que se coligue a essa base o lat. AS, "unidade (de peso, medida)", talvez proveniente do etrusco ASH, "um".

## 6. CORRESPONDÊNCIAS GENÉTICAS EXTRA-INDO-EUROPÉIAS.

Como nem sempre o indo-europeu pode ser explicado por si mesmo, requer estender a comparação para outras línguas ou famílias, por não haver no mundo língua ou família isolada, em virtude da monogênese. Descubrem-se alhures, portanto, os elementos citados, os quais serviram de base para o numeral "um", e que são coligados pré-historicamente com a nossa família indo-européia. Ademais, a comparação vem auxiliar confirmando.

Assim, "um" do tipo \*OI vemo-lo em línguas americanas: tupi OI-EPÉ, OY-PÉ, omágua WÉPI (derivado de \*OÍPI > \*OÉPI); em línguas bantus M-ÔI. O grego dialetal já citado ÍA, "um", combina perfeitamente com o bororo IA, "um, algum", e com \*AI (gót. AINS, etc.), o tucano (sul-americano) AY-UP, "um". Parece que se pode aí incluir o taensa (norte-americano) YE-HA, "um".

Não se encontram isolados em nenhuma língua indo-européia os demonstrativos que citamos acima: \*O, \*A, \*I, \*E, \*KO, \*DI, \*WE, \*SE. Vamos, sim, documentá-los em idiomas extra-indo-europeus: brahui (língua dravídica) O, "este"; thusch (l. caucásica) O, "aquele" afar-saho (l. camita) O, "aquele"; izi (l. sudanesa) O, "ela"; coreano (l. altaica) O, "aquele"; algonquino (norte-americano) O, "ele"; tupi O, "dele, dela" (reflexivo). Variante de O é U: línguas indo-chinesas U, "aquele"; dhimal (l. tibeto-birmanês) U, "aquele"; línguas caucásicas U, "ele"; khasi (l. mon-quemer) U, "ele"; quiche e klamath (l. americanas) U, "aquele"; algonquino U, "ele"; línguas semíticas HU, "ele". Calca-sieu (americana) A, "este"; telugu (dravídica) A, "aquele"; lazo (caucásica) A, "este"; berbere (camita) A, "este"; afar-saho A, "este"; bosquimanos (l. khoïn) A, "aquele"; línguas papuanas A, "ele"; línguas malaio-polinésicas A, "ele"; línguas indo-chinesas A, "ele"; l. sudanesas A, "ele"; basco A, "ele"; guarani A, "este"; chiriguano A, "isto"; l. americanas A, "ele".

Checheno (caucásica) I, "ele"; coreano I, "este"; biloxi (americana) I, "ele, ela"; telugu I, "este"; vayiu (tibeto-birmanês) I, "este"; tupi I, "dele, dela"; macuxi I, "ela; dele"; thusch I, "este"; dhimal I, "ele"; susu (sudanesa) I, "este"; barea (sudanesa) I, "este"; línguas indo-chinesas I, "ele"; l. malaio-polinésicas I, "ele"; elamita HI, "este"; klamath (americana) I, "este"; bribri (americana) I, "este"; dení (aruaque) I, "ele"; ticuna (americana) I, "artigo" do singular; etc. Variante de I é E: osage (americana) E, "ele"; biloxi E, "aquele"; macuxi E, "ele"; elamita E, "ele"; etc.

A junção de vogais demonstrativas não é peculiar ao indo-europeu; vamos ilustrar o mesmo fato em outras famílias: línguas americanas: tupi AÉ, "ele, aquele", pauserna AI, AE, "ele", camacã YA, "este", caxinauá OA, UA, "esse", ticuna IA, "artigo definido" do singular (no plural AI), mundurucu IE, "este", dakota YA, YU, "ele", bribri YE, "ele", taliáseri AHI, "este"; línguas bantus YU, "ele"; quimbundo IU, "este", IO, "isso", IÔ, "aquele"; línguas polinésicas IA, "este, ele", AI, partícula anafórica; sandeh (sudanesa) IO, "eles"; etc. Pode haver geminação expressiva: moqui e cora (americanas) II, "este", ariti (americana) EE, "este"; IYE, "aqui"; mbaiá (americana) YYO, "ele"; etc. Três vogais demonstrativas tem o quimbundo ÔIO, "isso"; pirá-tapuia (amer.) ÔÔ, "este". Ao indo-europeu \*OI - forma equação o wa, língua indo-chines OI, "um".

São resultados sinonímicos os citados \*NO-, \*KO-, \*WO-, \*WE-.

Acerca de \*NO, acrescentemos estes vocábulos cognatos do âmbito não indo-europeu: I. bantus ENE, "ele", -NO, "aqui, este", cafre-tetense ONA, "eis aqui"; I. sudanesas: izi ONÔ, "aquele", tchi ONO, "ele", togo ONĪ, "ele", bagrima ENA, "este", nama NÊ, "este", NOU, "aquele"; brahui (dravídica) ONA, "deste, dele", havaiano (polinésica) ONEI, "aqui", melanésio ENI, "aqui", bahnar (mon-quemer) NO, "aquele"; árabe INNA, "eis"; malaio-polinésico NA, "este"; basco ONA, "eis aqui"; cáldico ou vânico INI, "este"; hurrita ANNI, "esse"; japonês ANO, "aquele"; esquimó UNA, "aquele"; línguas americanas: tucano NA, "eles", ANĪ, "este"; tuyuca e bará ANĪ, "aqui"; maidu UNI, "este"; iranxe ANO, "aquele"; zapoteca NI, "este"; caingangue ENE, NE, "aquele", ON. . . ON. . . "um . . . outro"; biloxi NE, "aquele lá"; quiriri NE, "eis"; bororo OINNA, "assim"; caxinauá NA, "este"; mundurucu IŊU, "ele"; jívaro NU, "aquele"; ticuna ÊNI!, "eis aí!", trique NI, "eles"; ona ANAY, "este"; etc.

O demonstrativo \*KO tem, entre outras, estas correspondências fora do indo-europeu: línguas sudanesas KO, KU, KI, KE, KA, "este"; línguas americanas: tupi KÔ, "eis aqui; este", AKÔ, "esse, isso", IKÔ, "isto, eis aqui", AKĒI, "este"<sup>24</sup>; mundurucu EKÔ!, "veja lá!"; ariti AKÔ, "eis aí!"; merrime AKU, KU, "ele"; mamaindé KA, "aquele"; carajá KAA, "é isto"; mocovi EKA, "aquele", EKO, "aqueles"; biloxi KO, "isto, isso"; tepehuano IK, "este", EKKE, "aquele"; machipu KISE, "eles", EKISE, "ele"<sup>25</sup>; quíchua KAY, "este"; tucano KĀ, "ele"; achumawi KA, "artigo definido", QE, QA, "aquele"; pima IKA, "este"; groenlandês OKKUA, "eles"; línguas munda-polinésicas KA, "essa (pessoa)", KU, "eles", IKE, "ele"; línguas dravídico-australianas

<sup>24</sup> Veja-se a concordância entre o tupi AKĒI e o gr. EKEI.

<sup>25</sup> Veja-se ainda a singular concordância entre o machipu KISE, EKISE e o gr. KEĪSE, EKEĪSE, "lá, acolá".



EKE, "ele"; tibetano KEHO, "ele"; somálio (camita) KU, "este"; japonês KÔ, "este"; "assim como isso"; quimbundo EKI, "este", OKO, "esse"; cafre-tetense AKO, UKU, "esse", IKO, "ele"; havaiano KEIA, "este", KA, KE, "artigos definidos"; etc. O tupi KOAË, "este", é composto de KO e AË.

Ao indo-europeu \*E-DI- são concordantes, entre outros, estes exemplos: línguas americanas: paumari IDA, "este"; cadiueu IDA, "lá"; ticuna DJË, "aquele"; mundurucu ID'E, ITE, "este"; tepehuano IDDI, "este"; mocovi IDI, IDE, "este" (a alguém deitado), EDÄ, "ele", EDA, "este" (estando presente), ADA, "aquela" (idem); pima IDE' "este"; trique DÄH, "aquele"; eudeve ID, "ele"; ôpata IT, "ele"; chipeua DE, "ele"; tsoneca DA, "ele"; uitoto HADIE, "este", toba EDA', "ele, aquele"; línguas bantus DI, DJI, DZI, "ele"; munda-polinésico da Nova Guiné DI, DA, "ele"; mafor e deni (munda-pol.) DE, "ele"; línguas andamanesas DA, "ele", ODA, "ele, eles"; camassino (samoieda) IDE, JEDE, "aquele lá"; línguas caucásicas DO, "ele"; línguas semíticas DE, DÄ, "este" (DI, fem.)<sup>25</sup>. Em soninquê e muin (f. sudanesa) DE vale "um, algum" (Delafosse).

Com o i.-eur. \*EDINO - corresponde o mungu (sudanesa) ÉDINA, "ele", o chipeua (americana) EDINI, "ele", o nambiquara (anonzê), IADENË, "ali".

São coligados com o indo-europeu \*WE, \*WO: línguas sudanesas: izi OWÄ, "este"; togo WOA, "ele"; línguas bantus: WE', "ele"; cafre-tetense IWO, "ele, -a, eles,-as; AWO, "esses, essas", AWA, "estes"; fujuge (dravídico-austral.) OVE, "ele"; kanala (munda-polin.) WOIA, "ele"; línguas indo-chinesas: gyarung WA, "ele"; newari WO, "ele"; kirant WA, "ele"; línguas da Nova Guiné: WA, 3ª. p., oblíquo; línguas americanas: bororo WÖI, "aqui"; itene OWA', AWA, "este"; tunica ÜWI, "ele"; iatê OWA', "este", AWA, "esse"; cakchiquel WAE, "esse"; xavante WE, "esta direção"; yaqui WAA', "aquele"; etc.

Como numeral "um", entram aqui copta (camita) WEI, WAI; khasi (mon-quemer) WEI; línguas indo-chinesas UE, WI, UI; xetá (americana) WAI; menien (amer.) WE-TO', semítico \*W-AHD<sup>27</sup>; línguas bantus W-E-KA<sup>27</sup>. Acrescente-se que línguas sudanesas possuem EKÖ, "um"<sup>28</sup>, que parece ligado a WE-KA e não propriamente, p. ex., ao sânscr. EKA-, "um".

<sup>25</sup>Lo Slavo JĚDINU, JĚDĪNU 1, che è di origine pronominale, contiene gli stessi elementi dell'Aramaico HADEN, "questo" (TROMBETTI, A. I pronomi personali, Bolonha, Zanichelli, 1908, p. 310). E concorda perfettamente o citado camassino JEDE com o i.-e. JEDI.

<sup>27</sup>Ao numeral "um" desse tipo (W-), Trombetti não separa o do tipo OI-, melhor O-I, já citado (ASSIRELLI, o. c., 77-78).

<sup>28</sup>DELAFOSSÉ, M. *Vocabulaires comparatifs de plus de 60 langues ou dialectes parlés à la Côte d'Ivoire*, Paris, Leroux, 1904, p. 112.

Talvez se podem separar os casos em que há nasal, como no indo-eur. \*WE-N-, todos a valer "um": araucano WENÉ, UNÉ, maué WEN-TOP, osage WĪ, macuxi TI-WIN, e que se prendem originariamente a pronomes: lak (caucásica) WĀ, "este", chamacoco WIN, "ele", algonquino WIN, "ele", tupi UĪ, "esse, isso".

Respeitante a \*SE-M, etc., são aliados estes exemplos de línguas americanas, e com o sentido de "um": comanche SEMMUS, SIMM, xavante SIMI-SI, náuatle ZEM-, yuma SIN (de \*SIM), atacamenho SEMA, guaná SAME-AK, SAMO-AK, samuco SUMA-RA, chamacoco SOMMA-LĀ, totzil SHAMU-LA<sup>29</sup>. O tunica SEMA quer dizer "eles". Com a mesma base é o japonês SAMO, "exatamente igual" e com reduplicação SAMAZAMA, "diversos, vários", literalmente "algum algum"<sup>30</sup>, e SÔMAI, "estado primitivo". Em assírio SHUMA, "o mesmo", e em sahapin (americano) SIM-, "somente".

Há cognatos cuja nasal se acha ausente, e o sentido de todos é "um": línguas caucásicas SA, SE-, ZE, OSS; línguas americanas: comanche e níquirã SE, ópata ZE, carajá SOO-DI, blackfoot SA, bribri-chibcha AS, taruma OSHE, iroquês ÊS, ona SO-S, chuntaquiro SU-; línguas malaio-polinésicas: malgache e tagal I-SA, javanês SA, nengoné SA; línguas indo-chinesas SA, SE, A-SHI, e com sentidos conexos estes exemplos do japonês SA-I, "o primeiro", SE-N, "primeiro", SA-BISHI, "solitário, só".

Que esse componente indo-eur. \*SE- (e variantes vocálicas) é de origem demonstrativa, provam-no, em primeiro lugar, pelo próprio indo-europeu: sânscr. SA-S, "ele", SĀ, "esta"; gr. HŌ, HĒ, artigos (ambos) de \*SO, \*SA), lat. ant. (acus.) SU-M, "dele", SO-S, "deles", SA-P-SA, "esta e esta", (I-P-) SE, (I-P-) SA, etc., gót. SA, "este", SO, "esta", alto-al. ant. (DE-) SE, "aqui este", al. SIE, "ela", anglo-saxão SE, "este", ingl. SHE, "ela", islandês SA, "aquele"; etc. Fora do i.-e. temos: votíaco (urália) SO, "ele, estes"; estoniano (família urália) SE-TH, "este"; mandeu (f. sudanesa) SA, "este", SO-SA (redobro), "este aqui"; assírio SHŪ, "ele"; egípcio S(I)U-, "ele"; bampara (indo-chinesa)SI, "ele"; haussa (sudan.)SHI, "ele"; udo (cauc.)SHO-, SHE-, "ele"; garo (indo-chin.) SA, "este"; bodo (indo-chin.)SE, "este"; japonês SO-, "esse, o mesmo", SO-RE, "esse, isso", SHI, "ele"; lídio (cauc.) E-S-, "este"; línguas americanas: chibcha A-SY, "ele", SI-SY (redobro), "este", I-S, "esse", A-S, "aquele"; mundurucu I-SO, "este"; quiriri SI, "ele"; saraveca E-SHE', "ele"; iatê SA, "ele"; itene SĀ, "ele", E-SŌ, "outro"; mocovi E-SSO, "aquele" (presente), A-SSO, "aquele" (ausente); yuma - SA, sufixo demonstrativo de algo longe"; mamaindé SE-NI,

<sup>29</sup>Será coincidência fortuita o lat. SEME-L?

<sup>30</sup>Cp. o eslavo ant. OVU... OVU..., "um... outro...".

"este", SO-GHA, "aquele"; etc.

Não se deve estranhar a junção \*OI, etc., de sinônimos para a idéia de "um", pois o fato é visivelmente documentado em línguas extra-indo-europeias, p. ex., no bororo MI-TTO, "um", em línguas australianas ME-TO, ME-TA, "um"<sup>31</sup>. Com os mesmos elementos ou quase: na família bantu-sudanesa, p. ex., no bumbete MOMO, "um", no tiwi MOMU, "um", no mutsaya MUMO, "um"; nas línguas americanas, p. ex., alacalufe DAKADOUK, "um", juruna MIMI, MEME, "um"; no abuto (paleoasiática) TAQATAQU, "um"; no telei (altaica) MONÜMOI, "um". Às vezes a duplicação é incompleta: xavante SIMISI, "um", xerente SHIMISHI, SIUMISÉ, "um", talvez comanche SEMMUS, "um", paiute SUS, "um", chemegue SUIS, "um", miranha ZEZAMA, "um", etc.

## 7. DOIS: \*DU-, \*DI-, \*DE-, \*DWI-, \*DU(W)-O, \*DWÔ-.

Lat. DUO, lituano DU, gr. DÚO, eslavo ant. DUVA, DVA, védico D(U)VĀ, zende D(U)VA, sânscr. DUVĀ, DUVĀU, DVI, irlandês ant. DAU, DA, polonês DWAJ, gót. TWAÍ, curdo DU, letão DIVI.

O significado pré-histórico de "dois" é também "esse" ou "aquele". Sua raiz é cognata do tema pronominal \*DO- (cf. iraniano ant. e prussiano ant. DI-, "ele"), e é o mesmo demonstrativo iraniano-báltico já citado \*EDI-. São ainda co-radicaís: gr. DÉ, "(um. . .) outro. . .", DÉ DÉ, "mas na verdade", lat. DE-NIQUE, DO-NEC, QUAN-DO, DU(M) (expressão enfática), originariamente demonstrativo<sup>32</sup>.

A forma \*DU- encontramos-a ainda no composto lat. DU-PLEX, "duplo", e \*DI- vemo-la no gr. DI-PLÓS, "duplo", e ambas as formas em DÍ-DU-MOS, "gêmeo" (port. DÍDIMO).

Na realidade o gr. \*DÍ-DU- é redobro, equivalente a "este" + "aquele", com o fenômeno da polaridade (I-U)<sup>33</sup>.

Fora do indo-europeu temos, entre outras, estas correspondências genéticas, com o valor de "dois" ou "par": hanunóo (f. malaio-polinésica) DUWA; havaiano LUA resultou do protopolinésico \*RUA e este de \*DUA; thusch (f. caucásica) DU, "par"; tibetano (f. tibeto-birmano) DO; aino (f. paleoasiática) TU-; japonês (f. altaica) TSUI, "par" < \*TU-I; tcherkesse ou circassiano (f. caucásica) T'U; coreano (f. altaica) TU-L; línguas americanas: tucano (f. tucano) E-DO-I; guató (f. guató) DUU-NI; otomaco (f. otomaco) DÉ; beothuk (f. beothuk) A-DA; leco ou ate-

<sup>31</sup> TROMBETTI, A. *La lingua dei Bororos-Orarimugudoge*, Turim, Soc. Editrice Internazionale, s/d., p. 23.

<sup>32</sup> BRUGMANN, o.c., p. 655.

<sup>33</sup> No pul ou fula (f. sudanesa) DI-DI, "dois", i.é. "este este", e DI-DO, "dois", i.é., "este aquele" (ASSIRELLI, o.c., p. 65).

niano (f. leco) TO-I (DI-DO-I, "dois dois", i. é, "quatro"); miwok (f. penútia) U-TI; xinca (f. misquito-matagalpa) TI; dacota (f. hoka-siou) TA, "par"; alhentiaco ou huarpe (f. alhentiaco) TU-; etc. Acrescentem-se: biloxi (f. hoka-siou) DE-, "duas vezes"; xavante DU-RÊ, "outra vez".

Para justificar a origem demonstrativo-pronominal de "dois", sirvam, entre outros, estes exemplares extra-indo-europeus: semítico DHU, DÂ, "este"; gadamé (f. camita) DU-, "lá"; tamil (f. dravídica) -DU, 3ª. pessoa; avaro (f. caucásica) DO-, "este"; samoiedo e camassino (f. urálica) DU, "este aqui"; bea (f. andamanesa) DU, "ele"; wango (f. munda-polinésica) DA, 3ª. p. pl.; deni (f. melanesiana) DE, TE, 3ª. p.; línguas ugro-fínicas TO, "ele, este, aquele"; japonês (f. altaica) DÔ, "o mesmo"; aino (f. paleoasiática) TA, "este"; línguas americanas: ponka e osage DHA, DHI, "ele"; biloxi DU, DO, DA, "este"; toba e mocovi O-DA, "esse"; baré TE, "este"; mundurucu I-D'E, I-T'U, I-TE, TE, "ele"; caingangue TI, "ele"; xavante TA, TE, "ele, ela"; maxacali TU-TE, "ele" (reduplicação); etc.

## 8. AMBOS.

O port. AMBOS, -AS é o lat. AMBOS, -AS (acus.), "um e outro, uma e outra". Sua fonte é proto-indo-europeu \*AMBO, \*AMBHO e \*AMBHI, "dos dois lados, ao redor". Do último saiu o lat. AMBI-, de compostos, assim como o símile gr. AMPH(I)-, e é o mesmo AMPHI', "ao redor de", e da forma anterior proveio o gr. AMPHÔ, "ambos". Aparentados são ainda o gaulês AMBI-, o tocário AMPI', o alto-alemão ant. UMBI-.

É provável que AM-, primeiro elemento, tivesse outrotora o sentido de "um", e o segundo de "outro", mas nos exemplos sem a nasal, i. é, sânscr. U-BHĀ, U-BHO, esl. ant. O-BO, O-BE, lituano A-BUI, A-BI, o elemento inicial seja equivalente a "dois", porquanto a forma anterior do sânscr. U- está por \*VU- ou \*WU- (e assim dos demais \*WO-, \*WA-), a significar "dois", e é cognato do lat. UI-GINTI, "vinte", i. é, "duas décadas". Correspondente perfeito daqueles é o japonês U-BU, "o mesmo; um; igual".

As formas com a nasal têm um correspondente no tupi AMBOÊ, mas na realidade este provém de \*AMMOÊ, o mesmo que AMOAE, "outro", composto de AMÔ, "algum; outro; vários", e de AÊ, "aquele".

Ao primeiro elemento são cognatos estes exemplos das línguas americanas: mondé AMA-, "um", caingangue HAM, "primeiro; começar", quiriri AM-, "fronteiro", caxinauá HAMO-, "sozinho", chiquito MA, "um", achumawi HAMI-, "um", e estes exemplares de línguas como o havaiano MU-A, "antes", e como o japonês MA-E, "prioridade".

de”.

O segundo elemento, que é \*BHO, \*BHI, o qual significa “dois”, faz com que AMBO-, etc., seja propriamente composto de sinônimos. A sinonímia alhures e aqui é documentada e justificada, p. ex., pelo italiano AMBEDUE, port. AMBOS OS DOIS, espanhol AMBOS A DOS, etc.

Nas línguas sudanesas vamos encontrar fatos símiles: AMBA, OBHA, OBA, IBA, EBA, “dois”; no lício (f. asiânica) UBU, “ambos”. BI, “dois”; línguas papuanas A-BUI, “dois”; sambo (f. chocó) U BE, “dois”; araucano (f. araucana ou mapuche) E-PU, “dois”.

Ao gótico BAI, “ambos”, corresponde o japonês BAI, “duas vezes (o tamanho), o dobro”, bribri (f. chibcha) BAI, “dois”, e o segundo componente do jagã (f. iamana) KOM-BAI, “dois”. Conexos são o chitimacha (f. chitimacha) U-PA, “dois”, o misteco (f. misteco-trique) U-WUI, “dois”; etc. Nas línguas bantus há BA, BA-LE, BE-LE, BI-LE, etc., “dois”. Na família pano (America do Sul) DA-BUI, RA-BOE, RU-BÄ, “dois”, a sílaba DA-, e as variantes com R- liga-se à raiz D-, “dois”, e há, portanto, sinonímia, e igualmente em majuruna TA-BOE, “dois”, e em caripuna ERA-M-BOË, “dois”. Há correspondência na América do Norte, p. ex., em micmac (f. algonquino-wakash) DA-BO', TA-BO, “dois”. No tasmaniano (Tasmânia) há BU-LA, BU-RA, “dois”; no munda (f. munda-quemer) BA-R, “dois”; no klamath (f. penútia) BE-N, “outra vez”.

Aliam-se aos citados estes compostos indo-europeus, todos com o sentido de “ambos”: alto-alemão ant. BEDE, al. BEIDE, dinamarquês BAADE. médio-ingl. BATHE, ingl. BOTH, escocês BAITH, islandês BATHI-R, etc. O gótico possui também BA, que é igualmente anglo-saxão.

O segundo componente -DE não tem correspondência insulada no indo-europeu, a menos que seja o mesmo demonstrativo \*EDI-, e que se identifica com \*DI, “dois”. Em conclusão: BEDE, etc. teriam dois elementos sinônimos: “dois (e) dois”.

Nada têm de ver as formas iniciadas por B- com o lat. BIS, “duas vezes”; este é o resultado da evolução de \*DBIS, por sua vez de \*DWÍS (gr. DÍΣ, sânscr. DVIH). Fato semelhante sucedeu no zende BISH.

A estranha forma ERKU, “dois”, do armênio, é explicada por Trombetti como proveniente de \*ER-DWO, possível redobro de \*ED-DWO, “dois dois” (cf. o canarês, f. dravídica ERA-DU, “dois”), que, por sua vez, está por \*E-DA-DU<sup>34</sup>. Contudo, em obra anterior diz que talvez seja empréstimo de uma língua caucásica<sup>35</sup>. A proposito, Oswald Szemerényi afirma que apenas a sílaba KU continua DWÔ.

<sup>34</sup>TROMBETTI, I numerali, p. 408

<sup>35</sup>TROMBETTI, A., *Come si fa la critica di un libro*, Bolonha, Treves, 1907, p. 180.

porém nada mais explana<sup>35</sup> a.

## 9. TRÊS

Do proto-indo-europeu \*TERU, \*TERI, \*TERE, \*TRI-, \*TREY-E-S, "três", promanam o lat. TRES, TRIA (port. TRÊS, e erudito TRIA, "um jogo", e prefixo TRI-), gr. TREÎS, gr. de Gortínia TRÉES, ucraníno, sueco, dinamarquês TRE, irlandês, galês, russo, sânscr., tocário A e gaélico TRI, esl. ant. TRIJE, lituano TRYŠ, letão TRIS, sânscr. TRAYAS, tocário B TRAIY, polonês TRZEJ, gót. THREIS, THRI-, islandês THRIR, anglo-sax. THRI, ingl. THREE, alto-al. DRI, holandês DRIE, al. DREI. O curdo SÊ resulta da evolução de \*TE- > \*TSE-, e perdeu a oclusiva o armênio ERE. As formas com -S são explicadas pelo -S do plural.

Ao lado de \*TER- houve a estranha forma do feminino \*TE-S-R-, \*TI-S-R<sup>36</sup>, a qual só se documenta em duas áreas laterais do indo-europeu, no ramo indo-irânico (sânscr. TISRAH, zende TISHARO) e no céltico (TEOIR, TEORU, anteriormente \*TISOR, \*TESORA). A forma \*TESOR- acha-se incluída em "quatro" \*KWETESOR, feminino, contraposto a \*KWETWOR-, masculino. O -S-, que ninguém pôde explicar, Trombetti genialmente o fez, derivando \*TISOR de \*TITYOR, e \*TESOR de \*TETYOR, em que -TYOR se contrapõe a -TWOR, i. é, Y do feminino a W do masculino. Ao lado de \*TETYOR, "três", feminino, é admissível, diz Trombetti,<sup>37</sup> haja existido um \*TETWOR, como forma do masculino, e a qual justifica a geminada que há no lat. QUATTUOR (ou QUA-TTOR), "quatro" (cf. QUA-TER, "quatro vezes", etc.). A legitimar \*TETYOR está o australiano de Palm Island TETYORA, "três" (Trombetti).

Em \*TITYOR e \*TETYOR verifica-se o redobro silábico TI-TY-, TE-TY-, e em que se percebe a alternância TI-/TE- do tipo gr. TÍ-THEMI, DÍ-DO-MI, etc. Tal fenômeno já havia sido notado por F. Bopp.

Alguns correspondentes genéticos de "três" fora do indo-europeu: l. malaio-polinésicas TORU, TOLU, TELŪ; l. bantus. TORO, TOLO; l. sudanesas TERI, TIEL, TAL, TILÉ; lício (l. asiânica) TERE, TRI-; mon (l. mon-quemer) TROU; ostiaco (l. urália) -DLE-; aino (l. paleoasiática) TRE; l. americanas TERE-, TILA-, TELE-, TERÉ, TIARO, TARA-, TLEA-, -TLU-, THLI-, -DALI; etc. O savara (l. dravídica) tem KU-DRU, "seis", o qual está por \*KU-DRU \*KU-DRU, "três (mais)

<sup>35</sup> ASZEMERÉNYI, *Introducción a la lingüística comparativa*, trad., Madrid: Gredos, 1978, p. 287.

<sup>36</sup> "Feminino antigo" no afirmar de MEILLET, o. c., p. 371.

<sup>37</sup> TROMBETTI, *I pronomi* . . . , p. 120; *I numerali*, p. 3-4, e também ASSIRELLI, o. c., p. 71, nota 1.

três", assim também o tibetano DRU-G.

O sentido originário de "três" é "esse lá" ou "aquele lá", composto que é de \*TE ou \*DE- e de \*-RE-.

O primeiro elemento é aparentado ao demonstrativo sânscr. TE, do mesmo tema de TA-D, "ele, ela" (cf. I-DĀ-M, "este; aqui"), ao gr. TE, "por isto", TÔ-DE, "isso", OU-TO-S, AU-TÔ-S, "ele; este"; ao leão e lituano TA-S, "aquele", ao al. ant. DE-SE, "este", ao ingl. THE (artigo), THI-S; ao persa DI-M, "ele, ela", ao prussiano DIE-N, DI-N, ao lat. I-DE-M, "o mesmo", ao polonês TE-N, "este", ucraino TÉ, "isso", etc.

Extra-indo-europeus são, p. ex., estes: línguas uralo-altaicas TO, TU, TI, "aquele", TE, TI, TA, TA-T, DA-T, "este"; manchu TU, "aquele; lá", TE-DE, "lá"; aino TE-DA, "aqui"; l. sudanesas A-TE, "este", TU, TU-TE, "aquele", TA, TE, "ele"; l. semíticas DA, DHA, DHE, "este"; l. camitas TE, "lá; aquela", TA, "este", TO, "aquele"; l. caucásicas TA-I, "aquele", DO-, "lá", A-DA, "aquele", TE, "aquele"; l. dravídico-australianas E-DE, "aquele", A-TA, "lá"; l. munda-polinésicas TE, "este", TA, "aquele", A-DE, "este"; I-TI, "este"; l. indo-chinesas A-DU, TU, TO, THO, "aquele"; l. americanas TI-, DE, TE-A, TE, TI, TA-DE, "lá; aquele"; TU, "lá", I-DĀ, "este", DI-DI, "aquele", A-DI, "esse"; etc.

O segundo componente de \*TERE tem por correspondentes, no indo-europeu, o sânscrito A-RÉ, "longe", o umbro U-RO, "aquele", o lituano AU-RĖ, "lá". Aliados são: l. sudanesas I-RE, "aqui", GU-RĀ, "aquele"; l. caucásicas E-RE, AR, "este", TE-RE, "aquele"; japônês A-RE, "aquele"; l. dravídico-australianas ER, "este", YE-RA, "lá", I-RI, "aquele", E-RI, "aquele"; l. indo-chinesas O-RÉ, "aquele", O-RA-, "aquele"; l. americanas A-RI, "esse", KE-RĖ, "aqui", MO-RĖ, "aquele", E-RO, "aquele", A-RO, "aquele"; etc.

## 10. QUATRO.

"Quatro" tem no proto-indo-europeu estas formas \*KWĒ-TWOR, \*KWĒ-TWER, \*KWĒ-TUR, \*KWĒ-TORU, \*KWA-T-. Trata-se de um composto a significar "um (mais) três". Diz Trombetti que o primeiro elemento, i. é, \*KWE, \*KWA- certamente se identifica com o segundo elemento de \*ŌI-KO-, "um", \*ŌI-KA-, "uma", e o segundo, i. é, -\*TWOR, etc., identifica-se com \*TERU, etc., "três"<sup>38</sup>. Mas sucede que -KO recebeu a semivogal W por influência de \*TWOR, \*TWER, donde KWĒ-TWOR, \*KWĒ-TWER.

<sup>38</sup>TROMBETTI, I numerali, p. 147. O fato de "quatro" conter anexo o número "três" já tinha sido notado por F. Bopp (ASSIRELLI, p. 70).

São continuadores do proto-indo-europeu o lat. QUATT(U)OR<sup>39</sup>, QUADR. (em composição), sânscr. CATUR, CATVÂRA-S, fem. CÂ-TASR-AS<sup>40</sup>, tocário A ÇTWAR, tocário B ÇTWAR, ÇTWER, lituano KETURI, esl. ant. TSHETYRE, letão TSHETRI, ucranio TSHOTÊRE, polonês CZTEREJ, CZTERI, zende TSHATHRU-, armênio TSHOR-, curdo TJAR, russo TSHETVERO, persa TSHEHAR, gr. ático TÉTTA-RE-S, gr. dórico TÉTORE-S, gr. jônico TÉSSERE-S, gr. beócio PÉTTA-RE-S, gr. homérico PÍSURE-S, galês PEDWAR, galês ant. PETGUAR, corno PESWAR, bretão PEVAR, gót. FIDWOR, FIDUR-, alto-al. ant. FIOR, norueguês ant. FJIOR-, anglo-saxão FEDWER, ingl. FOUR, al. VIER, holandês VIER, islandês FJORI-R, dinam. FÛRE, sueco FYRA, gaélico CEITHI-R, gaulês PETRU-, PETOR-, osco PETTIU, PETORA, umbro PETUR-

De \*KWETWOR- houve assimilação consonântica no protogermânico KWEKWOR-, o que justifica a ausência do -T- nos idiomas daí decorrentes menos no gótico, que passou a -D-.

Contudo, Trombetti mudou de idéia. Viu no composto \*KWE-TWOR, etc., o significado de "dois (mais) dois" ou "duas (vezes) duas", ao passo que um correspondente perfeito achou-o no australiano KWA-TURA, composto de sinônimos, mas a valer "dois", ou, melhor "dois dois"<sup>41</sup>.

A favor de \*KWE, "dois", aliam-se estes exemplos de línguas americanas, com o mesmo sentido: O-KWO, O-KO, W-EKA, no galibi, caribisi, tamanaco (f. caraíba); KOÍ-N, -KUÊ, -KWĀI, -KUI, -KŌI, -KŌE (f. tupi-guarani); U-KE, vilela-chulupi (f. vilela); -OA-KA, -A-KE, VO-KA no abipão, paiguá, toba (f. guaicurú); -A-KO, "outro" no jagã (f. iamana); KO, A-KO no pomo (f. hoka-siou); -U-KO no tarahumar (f. uto-asteca-pano); -KWĒ - no omágua (f. tupi-guarani).

Respeitante ao segundo componente, combinam estes exemplos, todos com a idéia de "dois": vânico ou pré-armênio (l. asiânica) TARA-, semítico THAR-, aramaico TER-, línguas australianas TARA, ticuna (f. aruaque) TARÉ, wayuru TIRI, NDIRI-T, alacalufe (f. alacalufe) TEL-, cauixana - TALLÁ (f. aruaque), etc.

Coligados com a idéia de "dois" são estes vocábulos indo-europeus: sânscr. I-TARA, "outro", lat. I-TERU-M, "pela segunda vez", E-TRA-, "outro", esl. ant. VU-TORU, "outro" albanês YA-TERE, "outro", lat. U-TER, "qual dos dois?", gr. HÉ-TERO-, "outro", etc.

<sup>39</sup>Sobre a geminação -TT-, v. TRÉS.

<sup>40</sup>O fem. sânscr. CÂTASR-AS e o fem. CETHEORA do irlandês ant. possuem explicação símile ao fem. TE-S-R, (v. TRÉS).

<sup>41</sup>ASSIRELLI, o. c., p. 71, nota 2. .



## 11. CINCO.

O "cinco" indo-europeu \*PĒNKU, \*PĒNKE, \*PĒNKWE tem origem nominal. "É possível, diz Trombetti, que, ao lado de \*PĒNKWE haja existido \*PŪNKWE, donde \*PU (N) K-, \*PU(N)G-, pretônico"<sup>42</sup>. O sentido primitivo teria sido "mão", i. é, cinco dedos<sup>43</sup> e co-radical do gr. PUG-MĒ, "punho", lat. PUG-NO-, "punho"; mão cerrada", e provavelmente do germânico FING-RA, "dedo" (ingl. e al. FINGER), proveniente quiçá de \*PENK(E)-RÔ-S, "em número de cinco"<sup>44</sup>. Coliga-se com o germânico FUST, "punho", derivado de \*FUNKH-S-TI (cf. esl. ant. PE(N)STI < \*PENK-S-TI<sup>45</sup>. Nada obstante, há quem afirme, aliás sem base, ter sido originariamente "tudo" (disso que se pode contar com os dedos) ou "total, totalidade"<sup>46</sup>.

Citemos algumas línguas em que "cinco" é "mão" ou um cognato de "mão": tupi MBÔ, caxinauá NA-MÖKÖE-TÊ (cp. MÖKÖE, "mão"), taliáseri PAA-KAPI (para seres animados) e PEÉN-KĀPI (para seres inanimados) (cp. KAPI-MA, "mão"), tucana NIKÁ-MUKENA, "uma (NIKA) mão", mundurucu PĀPŌBI, "uma (PĀ) mão (PŌ) cheia (BI)", candoxi SHMERTO, "dedos da mão", itene KHOYĀ, wiyot WE'SAG- (cp. WE'S, "mão"), phadang e tangkhul (indo-chinesas) PĀN-G, melanésio PENIGI, samoiedo (caucásica) PENGU, PHENG, tchuktche (paleoasiático) MITLINEN, paiaçuá (guaicurú) TSHEMA, "cinco" (cp. patagônio TSHEME, "mão"), etc.

Daquelas bases indo-europeias promanaram: lituano PENKI, lat. QUINQUE, sânscr. PĀŊCA, gr. PĒNTE, gr. eólico PĒMPE, curdo PEINJ, tocário A PAŊA, tocário B PISH, PIÇ, irlandês ant. CŌIC, armênio HING, galês PUMP, PIMP, bretão PEMP, eslavo ant. PĒTI, polonês PIENTSH, ucraníno P'ĪAT', letão PIETSI, islandês PIMM, al. ant. FINF, dinam. e sueco FEM, holandês VIJF, al. ant. FINF, FUNF, al. FUENF, ingl. FIVE, etc.

## 12. SEIS.

Trombetti admite que o "seis" indo-europeu é um composto de "três (e) três" ou "três mais três" na obra de 1907 (<sup>47</sup>), sob as formas \*(K) S-EKS, \*(K) S-W-EKS. E compara com "três" EKK, EK, EKH-USI, US-GWA de línguas caucásicas. Na mesma obra, p. 199,

<sup>42</sup>TROMBETTI, I numerali, p. 147-155 e 430.

<sup>43</sup>MEILLET, o. c., p. 412. TROMBETTI, A. *Elementi di glottologia*, Bolonha, Zanichelli, 1923, p. 607.

<sup>44</sup>HENRY, o. c., p. 59.

<sup>45</sup>FRIEDMANN, S. *Lingua gotica*. Milão, Hoepli, 1896, p. 180.

<sup>46</sup>Studi linguistici in onore di Tristano Bolelli, Pisa, Pacini, 1974, p. 19.

<sup>47</sup>TROMBETTI, *Come si fa...*, p. 163.

acha que o indo-europeu \*SWEKS pode derivar-se de \*U-SEK-. A favor da tradução “três e três” estão, p. ex., várias línguas em que o “três” possui como esqueleto S-K ou símile: SUKA no timote (f. timote), SOK no muchique (f. muchique), SEGH no cayuga (f. hoka-siou), SAUK no ona (f. chon), SUG no jangali (f. indo-chinesa), etc.

Nas línguas em que S-K vale “seis” houve primeiro repetição desse elemento (“três três”) e depois simplificação: no sno (f. indo-chinesa) SOKE, no quíchua SOKH-TA, em línguas caucásicas ZEKH, ZEKY, em línguas americanas SEK, A-ZOK, SOKE, etc.

Decorrem daquelas bases do indo-europeu o lat. SEX (donde o port. e esp. SEIS, etc.), gr. HEKS, lacônio WEKS, sânscr. SHASH, zende XSHVASH, persa e curdo SHASH, lituano SZESZĖ, esl. ant. SHESTI, russo SHESTE, ucranio SHIST', polonês SZES'C', armênio VETS, tocário A SHAK, gót. SAÍHS, holandês ZES, alto-al. ant. SEHS, al. SECHS, anglo-sax. SEHS, SIEX, ingl. SIX, gaélico SE, galês CHWECH, iri. SECHT.

Para explicar o armênio VAT'SUN, “sessenta”, Vittore Pisani<sup>48</sup> dá como forma anterior \*VECINUN, e como primitiva \*USEKSEK, o que justifica o redobro de “três”.

### 13. SETE.

O numeral “sete” há por ascendente o indo-europeu SEPTem, que Trombetti, sob a divisão SÉ-P-TEM, o relaciona com \*SÉ-B-DOMA, grego HE-B-DOMA, “sétima”, coligando-os ao cuxita e bégia (f. camita) ASARAMA de \*ASA-B-DOMA, e os traduz “cinco e dois”. O -B- equivale a “e” ou “mais”, e o encontramos no lunda (f. bantu) SAM-BU-ARI, “cinco e dois”.

Vê Trombetti no irlandês antigo SE-CH-T e no tocário B SU-K-(DH), outro infixo, que é -K-, sinônimo de -B-<sup>49</sup>, mas quanto ao elemento inicial \*SE- ou ao final \*TEM ou \*DOMA não faz cotejo com outros idiomas. Pode ser, contudo, que o primeiro tenha relação com \*DU-, \*DE-, “dois”, e o último se relacione com várias línguas americanas em que o “cinco” tem formas tais GUA-SOMA, HUWA-SUMAH, e, em última análise, S-M é o mesmo que “mão”<sup>50</sup>.

São decorrências na família indo-européia: lat. SEPTem (donde o port. \*SETTE e SETE), sânscr. SAPTÁ, gr. HEPTÁ, esl. ant. SEDMI,

<sup>48</sup>PISANI, V., *Studi sulla preistoria delle lingue indeuropee*, Roma, G. Bardi, 1933, p. 566.

<sup>49</sup>TROMBETTI, I numerali, p. 447.

<sup>50</sup>Consoante registra ASSIRELLI, “as línguas das costas do noroeste da América. . . , apresentadas ao esquimo-aleúto e às línguas paleoasiáticas de uma parte e o copeh da outra, dão: SEM, “mão, dedos”, assim como a família othomi (América Central) SEMO- ou ZEMO-, “cinco”, e no Sul, patagônio TSEME, línguas do Chaco KUE-SUME, “cinco”. . . (L'Afrique polyglotte, Paris, Payot, 1950, p. 147).

polonês SIEDEM, lituano SEPTYNI, tocário A SPAT, curdo HAFT, anglo-sax. SEOFON, gót. e alto-al. ant. SIBUN, al. SIEBEN, ingl. SEVEN, holandês ZEVEN, islandês SJAU, SJÖ, sueco SJU, dinam. SYV, galês SAITH, russo SEME, ucraníno SIM, armênio EWTHN, EOT, hitita SHIPT-.

#### 14. OITO.

O proto-indo-europeu \*OKTO, \*OK(I)TÓ, \*OK(I)TÔW, "oito", era um antigo dual, que foi interpretado por Brugmann como "duas (vezes) quatro"<sup>51</sup> e por Ernst Wasserzieher<sup>52</sup> como "duas (vezes) quatro (dedos)". Trombetti, no entanto, aceitando uma hipótese de Fick, para quem \*OKI- (de \*OK(I)TO) estaria em relação com o proto-semítico \*AK(I)-R, "dez", forma primitiva de 'AS(I)-R (cp. árabe 'ÁSHARA, "dez"), e tendo em vista o feminino grego OGDŌĒ, "oitava" (o feminino, aliás, é mais conservador e arcaico), como derivado de \*OG(I)-DO-WĀ, chegou à conclusão de que "oito" significa literalmente "dez dois faltantes (ou menos)"<sup>53</sup>. A análise seria, pois, \*OG(I)-, "dez", \*DO-, "dois" (o mesmo elemento \*DU- já tratado) e \*WĀ, "menos, sem". Este componente \*WĀ é aparentado ao gr. ÉUN-I-S, "privado de"<sup>54</sup>.

Decorrem do proto-indo-europeu: lat. OCTO, gr. OKTŌ, sânscr. ASTAŪ, ASHTĀ, lituano ASZTUNI, esl. ant. OSMI, polonês OSIEM, ucraníno VÍSIM, curdo HACHT, persa HASHT, alto-al. ant. AHTO, al. e holandês ACHT, gótico AHTAU, anglo-sax. EAHTA, ingl. EIGHT, islandês ATTA, dinam. OTTE, irlandês OCHT, gaélico ACHD, galês WYTH, armênio UTH, tocário A OKAT, tocário B OKT. Nas línguas eslavas "oito" deve ter sofrido influência de "sete".

#### 15. NOVE.

Q numeral "nove", que é, no proto-indo-europeu \*NĒWN, \*ÉNWN (reunidos ambos por Hirt sob a forma \*ÉNEWEN) é, conforme Trombetti, "este (um) faltante (para dez)"<sup>55</sup>, em que entra o mesmo elemento que originou o grego ÉUNIS, "privado de", o qual se acha igualmente em "oito", por sua vez procedente de \*EWENN-. Aliás, como declarou Assirelli, tal étimo já era intuído por outros lingüistas<sup>56</sup>.

<sup>51</sup> ASSIRELLI, La dottrina monogenistica. . . , p. 73.

<sup>52</sup> WASSERZIEHER, E. Woher? Ableitendes Wörterbuch der deutschen Sprache, Berlin e Bonn, F. Dümmlers Verlag, 1935, s. v. ACHT.

<sup>53</sup> ASSIRELLI, La Dottrina. . . , p. 73.

<sup>54</sup> ASSIRELLI, La Dottrina. . . , p. 74.

<sup>55</sup> TROMBETTI, I Numerali, p. 407.

<sup>56</sup> ASSIRELLI, La Dottrina. . . , p. 73-74.

Kluge, sem fundamento, pensa que talvez seja cognato do indo-europeu \*NEWIOS, \*NEWOS, “novo”, e seria traduzido como “novo (número)”, em relação a “oito”.<sup>57</sup>

Promanam do proto-indo-europeu: NOUEM, em vez de \*NEUEN (o -M é analógico de SEPTEM e DECEM), sânscr. e zende NĀVA, gr. ENNĒA (anteriormente ENNĒWA), persa NUH, curdo NAH, tocário A e B ÑU, armênio INN, gót. e alto-al. ant. NIUN, al. NEUN, irlandês ant. NOI, islandês NIN, sueco NIO, dinam. NI, galês NAVO, ingl. NINE. Inexplicáveis são o lituano DEVYNĪ, o esl. ant. DEVENTI, o ucranio DEV’IAT’, o polonês DZIEWIENTS (com -T de ordinais?).

## 16. DEZ.

O proto-indo-europeu \*DĒK(I)M, \*DĒK(I)OM, \*DĒK(I)OM-T, “dez”, é, consoante Trombetti, um composto de \*DE-, “dois” (cf. DU-, “dois”, já tratado) e de \*K(I)M, mão, i. é, “duas mãos” (os dedos das duas mãos).

O segundo componente verifica-se em várias famílias<sup>58</sup>: no indo-europeu lituano KUM-S-TI, “punho”; no ugro-fínico, morduíno KO-MO-RO, “mão vazia; punhado”, livônio KOMA-L, “punhado”, KAMU-L, “palma da mão”; no altaico, mongol KIMU-, “unha”, no munda-polinésico KOM-KOM, “punhado”, fíji N-KUMI. “punho”, javanês -KEM, GEM, “punho”, tagala KAMAI, “mão”; no paleoasiático, esquimó KOOM-, “polegar”; indo-chinês A-KHMO, “mão”. Parece que seja aí coligado o caingange (f. jê, Am. do Sul) KAMÍ, “pegar”.

Nos exemplos abaixo todos exprimem “dez”, embora tenham perdido o primeiro componente: suaíle KUMI, cafre-tetense K’UMI, fana-galo SHUMI (todos da f. bantu), etc.; gala e haussa (f. sudanesa) respectivamente KUMA, GOMA; polinésico KUMI (havaiano ‘UMI); f. ugro-fínica, finlandês KÜMME, morduíno K’EME-, -KOM-, -GEME-; altaica, tunguso dialetal ME-N, que Trombetti faz derivar de \*KME-N; etc. São derivados: lat. DECEM, sânscr. DĀÇA, persa e curdo DAH, gr. DÉKA, gót. TAIŪN, alto-al. ant. ZEHAN, armênio TAS, TASN, irl. e gaélico DEICH. anglo-sax. TIEN, TYN, ingl. TEN, al. ZEHN, esl. ant. DESENTI, lit. DĖSZIMT, ucr. DESTAT’, pol. DZIESIENTS, russo DESISTE, hol. TIEN, isl. TIU, sueco TIO, din. TI, galês DEG, etc.

## 17. OS NUMERAIS SEGUINTE.

De “onze” a “dezenove” na maioria das línguas indo-européias são

<sup>57</sup>WASSERZIEHER, s. v. NEUN.

<sup>58</sup>TROMBETTI, *Saggi di glottologia generale comparata - III - Comparazioni Lessicali*, Bologna, Zanichelli, 1929, p. 58 e 59.

fomações compostas de cada uma das unidades seguida de "dez". Para não alongar, apresentamos apenas o fato no lat.: UNDECIM, "onze", abreviado de \*UNUNDECIM (Brugmann), i. é, "um (mais) dez", DUO-DECIM, "doze", TREDECIM, "treze", anteriormente \*TREZ- (Brugmann), QUATTUORDECIM, "catorze", QUINDECIM, "quinze", abreviado de QUIN-QUE-, SEDECIM, "dezesseis", de \*SEGZ- ou SEX-, SEPTENDECIM, "dezesete".

Para Max Niedermann, \*OCTODECIM, "dezoito", \*NOUVENDECIM, "dezenove", foram substituídos por DUODEUIGINTI, i. é, "dois (fora) de vinte", e UNDEUIGINTI, "dezenove", i. é, "um (fora) de vinte"<sup>59</sup>.

Ao lado de SEDECIM, SEPTENDECIM, DUODEUIGINTI, UNDEUIGINTI criaram-se DECEM ET SEX, DECEM ET SEPTEM, DECEM ET OCTO, DECEM ET NOUEM, de que resultaram, p. ex., no port. DEZESSEIS, DEZESSETE, DEZOITO, DEZENOVE.

UIGINTI, "vinte", dimana do proto-i.-e. \*WI-K(I)MTI, cujo elemento inicial é "dois", resultado, talvez, de \*DWI- (Meillet). Para Brugmann, \*WI - prende-se a U- do sânscr. VÍ, "em separado", U-BHA, "os dois", esl. ant. VU-TORU, "outro"<sup>60</sup>.

O lat. CENTUM, "cento, cem", descende de \*K(I)EMTO-M, derivado de \*DK(I)EMTÓ-M, i. é, "dezena (de décadas)". Derivado deste é o gót. HUNDA, "cem", que é membro de compostos: TWA HUNDA, "duzentos", THRIYA HUNDA, "trezentos", etc. O alemão HUNDERT, o inglês HUNDRED, "cem", ambos têm esse elemento inicial, e como segundo \*RATH, aparentado ao gót. RATH-YAN, "contar, calcular", ao alemão RED-EN, "falar", ao lat. RAT-IO, "cálculo, razão", de modo que lá temos a tradução "de) cem contagem" ou "conta de cem".

O lat. MILLE, "mil", deriva-se, de acordo com Brugmann e Trombetti, de \*GH(I)ESLO, mediante \*SMI-GZLI, literalmente "um milhar". Deste promanam ainda o gr. KHÍLIOI (port. QUILO), o lébico KHÉL-LIOI, o dórico KHÉLIOI, o sânscr. SA-HÁSR-M.

Contudo, ignora-se-lhe o significado primitivo. Para Meillet, a relação entre essa forma hipotética e as dela decorrentes não é clara, e muito menos o gótico THUSUNDI, "mil" (al. TAUSEND, ingl. THOUSAND). E acha, todavia, que o sânscr. SAHÁSRAM talvez tenha parentesco com SÁHAH, "força"<sup>61</sup>. Com relação ao germânico, V. Henry, tendo em vista a aspirada interna THUS-CHUNDE, "mil", em franco-sábio, é inclinado a explicá-lo por um composto antigo a denotar "a grande centena" (o elemento CHUNDE é o mesmo que o gót. HUNDA, "cem"), e o germânico THUS ele o compara ao sânscr. TÁVAS, "for-

<sup>59</sup>NIEDERMANN, M. *Morphologie historique du latin*, Paris, Klincksieck, 1935, p. 172.

<sup>60</sup>BRUGMANN, o. c., p. 386, nota 1, a.

<sup>61</sup>MEILLET, o. c., p. 414.

ça", e TAVÁS, "forte, poderoso, grande"<sup>62</sup>. E TAVÁS, conforme Friedmann<sup>63</sup> possivelmente se depara no lituano TUKSTANTI-S, "mil"; letão TUKSTUOT-S, esl. ant. TYSENSHTA, assentados todos em \*TUS-K(I)MT-YO-, "de muita centena". Entram aí também o ucraino TE-SIASHA, o polonês TYSIANTS, "mil", etc.

O tocário A WÄLTS e B YALTSE, "mil", é, no dizer de Meillet, manifestamente aparentados aos vocábulos que significam "grande", e, portanto, "mil" é o "grande número"<sup>64</sup>.

Só as línguas germânicas e balto-eslavas concordam entre si, enquanto os helenos, romanos e outros povos indo-europeus têm denominações diferentes. Daí se pode inferir que antes da sua dispersão, não deviam contar até "mil"<sup>65</sup>.

Não trataremos aqui dos ordinais; apenas, sim, dos correspondentes a "um" e "dois" na língua latina.

Não se tem documentação de derivados de \*OINOS ou UNUS, nem de \*DUWO ou DUO. Os sucedâneos devem ter sido criados em tempo relativamente recente.

PRIMUS, "primeiro", tem por ascendente \*PRIS-MO-, que é propriamente um superlativo, e significa, portanto, "(que está muito) adiante", cognato de \*PRI(PRI-US, PRI-OR, etc.), PRAE, PRO, todos com a idéia de "adiante, em frente, em primeiro lugar". Do derivado PRIMARIUS decorre o port. PRIMEIRO e símiles nos demais idiomas neolatinos.

São alguns aparentados remotos: caingangue PIRÉ, "um", PIR-MA, "sozinho", turco BIR, "um", nubiano BIRI, BER, PILI, "um", australiano BIER, BER, "um", kamchadal PER-WOI, "primeiro", tarahumar PILE, BIRÉ, "um", quiriri AM-PRI, "fronteiro", mascoi FLE-MA, "um" (deriv. de \*PELE-), etc.

Do lat. SECUNDUS vem o port. SEGUNDO. É propriamente um participio de SEQUOR, "seguir", donde SECUNDUS significa "o seguinte".

**Observações:** 1) Na grafia das diversas línguas ora obedecemos à sua representação tradicional, ora lhe damos a pronúncia do português. SH representa o port. CH de CHAVE. Não tomamos em consideração a quantidade das vogais, e outras minúcias. 2) Se temos, às vezes, estendido a comparação mais para as línguas americanas, é porque delas temos maior material. Ademais, afirmou Trombetti que "freqüentemente línguas vizinhas concordam entre si assaz menos do que línguas remotas"<sup>66</sup>.

<sup>62</sup>HENRY, o. c., p. 224.

<sup>63</sup>FRIEDMANN, o. c., p. 43.

<sup>64</sup>MEILLET, o. c., p. 414.

<sup>65</sup>WASSERZIEHER, o. c., s. v. TAUSEND.

<sup>66</sup>TROMBETTI, *Elementi*... p. 69.

## SUMMARY

The main purpose of this paper is the origin of Indo-European number names from "one" to "the thousand", with their primitive meaning.

The ordinal numbers were not studied, except Latin "first" and "second".

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ASSIRELLI, O. *L'Afrique polyglotte*. Paris, 1950.
- 2 ———. *La dottrina monogenistica di Alfredo Trombetti*. Bolonha, Fondazione Trombetti, 1962.
- 3 BALDUS, H. Os índios Chamacocos. *Revista do Museu Paulista*, v. 15, n. 2, 1927.
- 4 BRUGMANN, K. *Abrégé de grammaire comparée des langues indo-européennes*. Trad., Paris, Klincksieck, 1905.
- 5 COMMUNICATIONS. *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, t. 50 I, fasc. 1, (1): XV, 1954.
- 6 DELAFOSSE, M. *Vocabulaires comparatifs de plus de 60 langues ou dialectes parlés à la Côte d'Ivoire*. Paris, Leroux, 1904.
- 7 FRIEDMANN, S. *Língua gótica*. Milão, Hoepli, 1896.
- 8 HENRY, V. *Précis de grammaire comparée de L'anglais et de l'allemand*. 2ª. ed., Paris, Hachette, 1906.
- 9 JANTZEN, H. *Gotische Sprachdenkmäler*. Berlim, W. de Gruyter, 1920.
- 10 MEILLET, A. *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes*. 6ª. ed., Paris, Hachette, 1953.
- 11 NIEDERMANN, M. *Morphologie historique du latin*. Paris, Klincksieck, 1935.
- 12 PISANI, V. *Studi sulla preistoria delle lingue indeuropee*. Roma, G. Bardi, 1933.
- 13 SCHLEGEL, F. *Essai sur la langue et la philosophie des indiens*. Paris, Parent-Desbarres, 1837.
- 14 STROMER, C. *Die Sprache der Munduruku*. Mödling bei Wien, "Anthropos", 1932.
- 15 *STUDI linguistici in onore di Tristano Bolelli*. Pisa, Pacini, 1974.
- 16 TROMBETTI, A. *Come si fa la critica di un libro*. Bolonha, Treves, 1907.
- 17 ———. *Elementi di glottologia*. Bolonha, Zanichelli, 1923.
- 18 ———. *La lingua dei Bororos-Orarimugodoge*. Turim, Soc. Ed. Internazionale, s/d.
- 19 ———. *Saggi di glottologia generale comparata - I - I Pronomi personali*, Bolonha, Gamberini e Parmeggiani, 1908.
- 20 ———. *Saggi di glottologia generale comparata - II - I Numerali*, Bolonha, Gamberini e Parmeggiani, 1909.
- 21 ———. *Saggi di glottologia generale comparata - III - Comparazioni lessicali*, Bolonha, Gamberini e Parmeggiani, 1920.
- 22 *Wasserzicher, E. Woner? Ableitendes Woerterbuch der deutschen Sprache*. Ber-

lin, F. Dummlers Verlag, 1935.

- 23 **Szemerényi, O.** *Introducción a la lingüística comparativa*. Trad., Madri, Gredos, 1978.